

Os “olhares” de artistas/pintores de guerra

Diogo Velez*

Introdução

Apesar de terem obras artísticas de outras temáticas distintas, neste artigo pretende-se dar a conhecer quem foram estes homens, com nacionalidades diversas, que vivenciaram experiências de guerra como pintores e apresentar algumas de suas obras. Uns podem ser descritos como sendo algo ecléticos, balanceando-se entre as aproximações ao impressionismo e formas de representação mais acadêmicas, percorrendo uma grande diversidade de temas, dos retratos, paisagens e naturezas mortas a episódios da história. Outros, classificados como *naij*, tornaram-se célebres por meio dos seus quadros históricos sobre a Guerra da Tríplice Aliança. A ideia de representar as experiências da guerra teve a sua origem durante as campanhas, como testificam normalmente a liberdade dos esboços que foram produzidos.

Outros ainda vivenciaram conflitos mundiais e cenários de guerra para os quais partiam mal preparados, nos quais tiveram de aprender a sobreviver percorrendo a destruição ao lado dos outros soldados. No meio da desolação e da dureza da sua participação, porém, os “militares-artistas” aqui representados conseguiram oferecer a visão dessa vivência por meio de

fotografias, croquis, caricaturas, ilustrações e pinturas. Para além da pintura sobre temáticas de guerra, outra singularidade que os une foi o fato de terem aperfeiçado as suas técnicas e os seus conhecimentos com grandes figuras da pintura da época em território europeu.

Assim propõe-se ao conhecimento os seguintes artistas e respectivas áreas temáticas principais desenvolvidas:

– **Victor Meirelles de Lima**: pintor histórico de batalhas navais e batalhas terrestres;

– **Edoardo Federico de Martino**: pintor de paisagens marinhas e combates navais, documentarista;

– **Cândido López**: pintor-retratista e fotógrafo-retratista;

– **Pedro Américo de Figueiredo e Melo**: pintor, romancista, poeta, cientista, teórico de arte, ensaísta, filósofo, político e professor;

– **Adriano de Sousa Lopes**: pintor modernista e gravador;

– **Carlos Sciar**: desenhista, gravurista, pintor, militar, ilustrador, cenógrafo, roteirista e designer gráfico.

* Chefe da Repartição de Museus da Direção de História e Cultura Militar de 2016 a dezembro 2022. É membro institucional da Associação Portuguesa de Museologia (APOM); membro efetivo da Academia História Militar Terrestre do Brasil – Rio de Janeiro (AHMTB); membro efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB); membro efetivo do Conselho Executivo do Comitê Internacional dos Museus e Coleções Visitáveis e História Militar (ICOMAM); parceiro institucional do Conselho Internacional dos Museus (ICOM); membro efetivo do International Guild of Battlefield Guides – Reino Unido; membro da Associação da Força Aérea Portuguesa; membro da Liga dos Combatentes (Portugal).

Os artistas

No final do século XIX, a América do Sul foi marcada pela guerra que ocorreu entre a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) contra o Paraguai (1864-1870). Esse conflito bélico, que ainda marca as tradições do Exército e Marinha brasileiros, alterou a conjuntura política e militar da região, mas também influenciou muito o cenário artístico do Brasil. Nesse contexto destacaram-se os artistas a seguir apresentados.

Victor Meirelles de Lima (18 de agosto de 1832 a 22 de fevereiro de 1903)



Figura 1 – Retrato de Victor Meirelles na década de 1860
Fonte: Wikipédia

Oriundo de uma família de imigrantes portugueses que se dedicava ao comércio, nasceu na cidade de Desterro, atual Florianópolis. De origem humilde, o seu talento foi identificado e reconhecido desde muito cedo, sendo admitido como aluno da Academia

Imperial de Belas Artes. Especializou-se no gênero da pintura histórica e, ao ganhar o Prêmio de Viagem ao Exterior da Academia, passou vários anos em aperfeiçoamento na Europa, onde pintou sua obra mais conhecida, *Primeira Missa no Brasil*. Quando retornou ao Brasil, foi um dos pintores preferidos de D. Pedro II.

As obras do artista que retrataram a guerra contra o Paraguai não se delimitam à temáticas de batalhas navais, já que ele também retratou batalhas terrestres desse acontecimento.

Tornou-se estimado professor da academia, formando uma geração de grandes pintores, e continuou o seu trabalho pessoal realizando outras pinturas históricas importantes, como *Batalha dos Guararapes* (figura 2 – que ilustra um evento histórico ocorrido em 19 de abril de 1648, quando se travou a primeira luta contra a ocupação holandesa no Brasil. Foi pintada no Rio de Janeiro em 1870); a *Moema* (figura 3 – pintura a óleo, de 1866, que retrata a personagem homônima do poema épico *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão. A obra não reproduz uma cena da produção literária. Trata-se da interpretação do pintor acerca do destino da índia, que imerge nas águas após ser rejeitada por seu amado Caramuru); e *Combate Naval do Riachuelo*¹.

Depois do fim do conflito e da Proclamação da República, em 1889, o pintor foi demitido da Academia Imperial de Belas Artes, vindo a falecer no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1903.



Figura 2 – Batalha dos Guararapes, 1879. Museu Nacional de Belas Artes
Fonte: Wikipédia

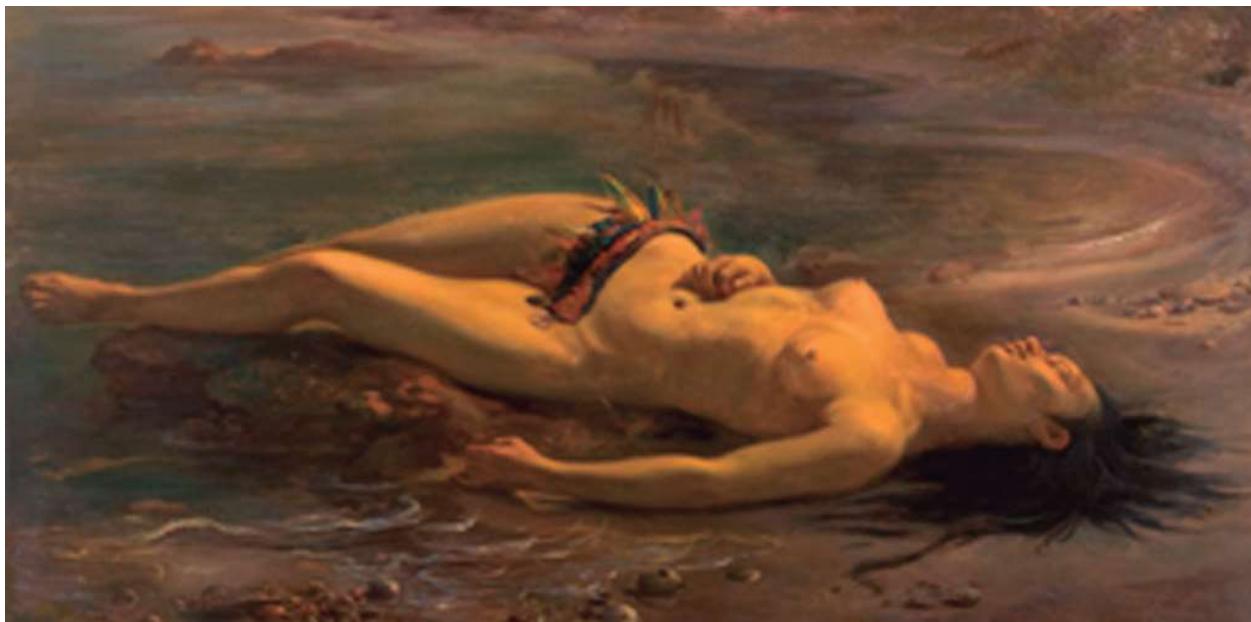


Figura 3 – Moema. Museu de Arte de São Paulo, Brasil
Fonte: Wikipédia

Combate Naval do Riachuelo (**figura 4**), ou simplesmente *Batalha do Riachuelo*, travou-se a 11 de junho de 1865 às margens do arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraná, na província de Corrientes, na Argentina.

Foi um acontecimento decisivo e vitorioso, o marco da vitória brasileira na guerra, sendo considerada pelos historiadores militares como uma das mais importantes batalhas da Guerra do Paraguai (1864-1870).



Figura 4 – Combate Naval do Riachuelo. Cópia do original de Victor Meirelles. Autor: Óscar Pereira da Silva (1867-1939)
Fonte: Wikipédia

Edoardo Federico de Martino (29 de março de 1838 a 21 de maio de 1912)



Figura 5 – Edoardo Federico de Martino no seu estúdio em Londres

Fonte: Wikipédia

Edoardo de Martino (**figura 5**) nasceu em Meta (Reino das Duas Sicílias) e faleceu aos 74 anos em Londres (Reino Unido). Foi um artista que realizou, ao longo da sua trajetória de vida, uma quantidade considerável de paisagens marinhas e pinturas de combates navais.

Durante a sua vida foi agraciado com os seguintes prêmios:

- Imperial Ordem da Rosa² (D. Pedro II do Brasil, 1871);
- Real Ordem Vitoriana (1898): ordem dinástica da cavalaria, atribuída pela prestação de serviços ao soberano a cidadãos da *Commonwealth*;
- Ordem da Coroa³ da Itália.

Edoardo de Martino, pintor napolitano e oficial da Marinha de Guerra do Reino das Duas Sicílias, a partir de 1861 passou a servir a Marinha do Reino da Itália após a unificação do país. Deslocou-se para Montevideu e, depois, em 1868, para o Brasil, tendo se estabelecido no Rio de Janeiro. Viajou para Porto Alegre para divulgar suas obras e ministrou aulas de pintura para Telles Júnior (pintor, desenhista, político e professor brasileiro).

Por ocasião da Guerra do Paraguai, foi encarregado por Dom Pedro II, na condição de pintor oficial da Marinha Imperial Brasileira, para retratar os feitos militares brasileiros, tendo para isso assistido a várias batalhas, dentre elas a de Humaitá.

A Passagem de Humaitá foi uma operação naval durante a Guerra do Paraguai, que ocorreu em 19 de fevereiro de 1868, quando uma força de seis monitores encouraçados brasileiros forçaram a passagem, sob fogo da artilharia paraguaia, pela Fortaleza de Humaitá. A Fortaleza de Humaitá⁴ (**figura 6**), conhecida como Gibraltar da América do Sul, era uma instalação militar paraguaia próxima à foz do rio Paraguai. O local era uma curva acentuada em forma de ferradura no rio. Praticamente todas as embarcações que desejassesem entrar na República do Paraguai – e de fato seguir adiante até a província brasileira de Mato Grosso – eram obrigadas a navegá-la. A curva era comandada por uma linha de baterias de artilharia de 1,8km.

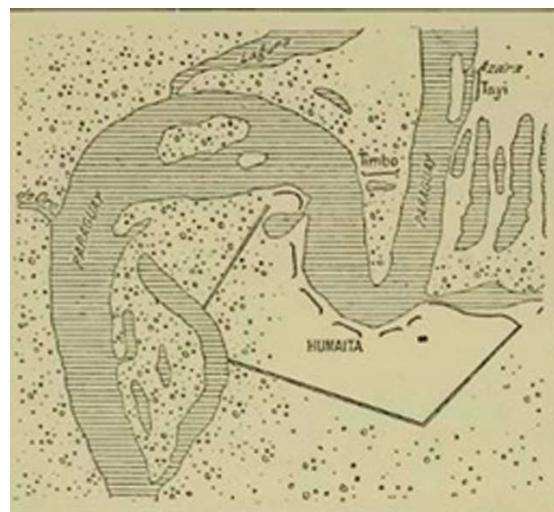


Figura 6 – Fortaleza de Humaitá
Fonte: Wikipédia

De Martino apresentou-se na Exposição Geral de Belas Artes, em 1870, com diversas obras, sendo premiado com a medalha de ouro. Foi eleito membro correspondente da Academia Imperial de Belas Artes em 1871.

Foi um artista bastante ativo, realizando, ao longo de sua trajetória, uma quantidade considerável de paisagens marinhas e, sobretudo, pinturas de combates navais da Guerra do Paraguai e da Guerra da

Cisplatina. De Martino é visto pelos estudiosos como um documentarista. Procura dar um caráter de veracidade histórica às suas obras.

Algumas das grandes vistas marítimas pintadas por Edoardo de Martino (**figuras 7, 8 e 9**) podem ser vistas no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Existem algumas obras de sua autoria nos acervos do Museu Nacional de Belas Artes, Pinacoteca do Estado de São Paulo e Museu Naval e Oceanográfico.



Figura 7 – Chegada da Fragata *Constituição* ao Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional
Fonte: Wikipédia



Figura 8 – Abordagem da Fragata *Imperatriz*. Museu Histórico Nacional
Fonte: Wikipédia



Figura 9 – Combate Naval do Riachuelo. Museu Histórico Nacional
Fonte: Wikipédia

Cándido López (29 de agosto de 1840 a 31 de dezembro de 1902)



Figura 10 – Autorretrato, 1858. Museu Nacional de Belas Artes
Fonte: Wikipédia

Nasceu em Buenos Aires e foi um pintor argentino que nasceu no seio de uma família crioula. Demonstrando vocação especial pelas artes, estudou com professores italianos (Carlos Descalzo, Baldassarre Verazzi e Ignacio Manzoni) em uma época em que a pintura era pouco praticada na cidade-porto. Ainda jovem, aprimorou-se como pintor retratista e fotógrafo retratista, dedicando-se a fotografar pequenas cidades das províncias de Buenos Aires e Santa Fé.

Quando começou a Guerra da Tríplice Aliança⁵, ele estava planejando uma viagem à Europa para aperfeiçoar a sua arte, mas decidiu alistar-se no exército para lutar na guerra. Assim, conseguiu registrar cada momento, realizou 90 pinturas e contou as suas experiências em um diário⁶.

Em 1865, integrou como voluntário o batalhão de infantaria de San Nicolás, que partiu para o norte sob o comando máximo do General Wenceslao Paunero. Essa decisão não constituiu uma rotura com a pintura,

já que o jovem tenente “carregava” consigo o material necessário para realizar o seu objetivo de fixar cenas daquele conflito. Dos 800 que marcharam para o combate, voltaram, cinco anos mais tarde, apenas 83, em boa parte estropiados, como no caso de Cândido López.

A sua vida e a sua arte mudaram na Batalha de Curupaytí⁷ (**figuras 11 e 12**), quando uma granada destruiu sua mão direita e seu braço teve que ser amputado para estancar a gangrena. O “Curupaytí Maneta”, como ficou conhecido desde então, foi obrigado a treinar a mão esquerda e, ao longo dos anos, pintou 52 quadros. Algumas peças representam acampamentos militares, outras narram batalhas ou momentos em que um rio é atravessado de margem a margem, outras faias militares, invernadas de gado, fortalezas inimigas conquistadas, navios sobre rios (Paraná, Paraguai etc.), embarque de tropas, entre outras.

López foi soldado e cronista e escreveu um diário, onde esboçou a carvão algumas cenas da guerra. As pinturas a óleo de López têm grande valor testemunhal e artístico, pois ele foi um ator histórico que pintou o que sofreu nas frentes de batalha. Foi à guerra

não só com armas, mas também com papel e lápis para testemunhar o que estava acontecendo.

A maioria das pinturas vinha acompanhada de textos explicativos, que serviam para descrever o que não se vê dos acontecimentos (exemplo: para depois da Batalha de Curupaytí, o seu texto é dos mais breves:

Obedecendo ao toque de retirada, as tropas a iniciaram sem ser perseguidas pelo inimigo. Quando ao alcance do desfiladeiro não ficou um só soldado aliado, o regimento nº 12 de infantaria paraguaio saiu das trincheiras a coletar a pilhagem.

López declarou que as suas pinturas sobre cenas de guerra (**figura 13**) não eram precisamente um primor, mas os pormenores e a precisão dos fatos, guardados no tempo, alcançariam certamente a história do seu país. O pintor nunca deu relevo artístico à sua obra, mas as suas pinturas foram reconhecidas tanto artisticamente quanto pelo seu valor testemunhal (além de todo a valia estética, a sua obra é fonte documental não só do processamento histórico, mas também do processo ambiental).



Figura 11 – Assalto da 1^a coluna brasileira a Curupaytí, de Cândido López, 1897. Museu Nacional de Belas Artes (Argentina)
Fonte: Wikipédia



Figura 12 – Ataque da esquadra brasileira às baterias de Curupaytí, em 22 de setembro de 1866, de Cândido López, 1901. Museu Nacional de Belas Artes (Argentina)

Fonte: Wikipédia



Figura 13 – Cândido López e algumas de suas obras

Fonte: Wikipédia.

Pedro Américo de Figueiredo e Melo (29 de abril de 1843 a 7 de outubro de 1905)



Figura 14 - Pedro Américo de Figueiredo e Melo
Fonte: Wikipédia

Pedro Américo (**figura 14**) nasceu em Areia/PB e faleceu em Florença. Foi um romancista, poeta, cientista, teórico de arte, ensaísta, filósofo, político e professor brasileiro, mas é mais lembrado como um dos mais importantes pintores acadêmicos do Brasil, deixando obras de impacto nacional.

O seu estilo na pintura, em conformidade com as grandes orientações do seu tempo, fundia elementos neoclássicos, românticos e realistas, e a sua produção é uma das primeiras grandes expressões do academismo no Brasil em sua fase de apogeu, deixando obras que permanecem vivas até hoje, como *Batalha de Avaí*, *Fala do Trono*, *Independência ou Morte* e *Tiradentes esquartejado*.

Ganhou diversas homenagens e honrarias, entre elas o título de Pintor Histórico da Imperial Câmara, a Ordem da Rosa e a Ordem do Santo Sepulcro. Também deixou algumas poesias, quatro romances e alguns textos teóricos.

A *Batalha do Avaí* (**figura 15**) é uma pintura a óleo realizada por Pedro Américo de Figueiredo e Melo. A obra foi pintada entre os anos de 1872 e 1877, quando Américo tinha cerca de 29 anos, e retrata a Guerra do Paraguai. O artista procurou trazer para a tela o drama vivenciado pelos brasileiros que perderam familiares e amigos ou que lutaram na guerra. Logo após ser finalizado, em Florença, o quadro desembarcou no Rio de Janeiro, em junho de 1877.



Figura 15 – Batalha do Avaí. Pedro Américo (reprodução)
Fonte: Wikipédia

Outra das suas obras maiores é considerada a representação mais consagrada e difundida do momento da independência do Brasil (**figura 16**), sendo o gesto oficial da fundação do Brasil. O seu título vem da exclamação de D. Pedro I ao proclamar a independência do Brasil, em 7 de setembro de 1822: “É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal!”.



Figura 16 – Independência ou Morte! Também conhecido como O Grito do Ipiranga, 1888. Museu Paulista
Fonte: Wikipédia

Adriano de Sousa Lopes (13 de fevereiro de 1879 a 21 de abril de 1944)



Figura 17 – Autorretrato, 1917. Museu Nacional de Arte Contemporânea
Fonte: Wikipédia

Sousa Lopes (**figura 17**) nasceu no lugar de Vidi gal, freguesia de Pouzos, concelho de Leiria/Portugal e foi um gravador e pintor modernista português. Em 1898, inscreveu-se na Academia de Belas Artes. Partiu para Paris em 1903 como pensionista do Legado Valmor em pintura de história. Frequentou a École Nationale des Beaux-Arts e, depois, a Academia Julian. Faz uma viagem à Itália em 1907 e, depois, regressou a Paris.

Foi nomeado pelo governo da República capitão-artista do Corpo Expedicionário Português⁸ (CEP) e realizou, em 1917, uma missão oficial com o objetivo de propaganda. Quando chegou à frente de batalha, passou a ter uma visão mais pessoal da guerra, destinada a testemunhar o drama humano das trincheiras de França.

Algumas das suas extraordinárias pinturas estão visíveis no Museu Militar de Lisboa (**figura 18**). Pintor

expressamente eclético, oscilou entre as aproximações ao impressionismo e as formas de representação mais acadêmicas. Transitou por uma imensa diversidade de temas, dos retratos a paisagens e a naturezas mortas, a episódios da história.

Em 1917, realiza uma primeira exposição individual na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), em Lisboa. Nesse ano, parte para a frente na Grande Guerra como oficial artista, produzindo uma série de trabalhos em que registra a ação do Corpo Expedicionário Português. Em 1918, instala-se perto de Versailles e faz esboços preparatórios sobre a Grande Guerra. Em 31 de julho de 1919, foi agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

Em 1923, expõe em Paris. Até 1927, viaja pela Europa e pelo Norte de África, passando temporadas na França e em Portugal. Nesse ano, expõe de novo na SNBA e assume a direção do Museu Nacional de Arte Contemporânea, em Lisboa. Ao longo da década de 1930, recebe diversas encomendas oficiais, nomeadamente para o Museu Militar de Lisboa e para o Salão Nobre da Assembleia Nacional, projeto que ficará interrompido pela sua morte.

A sua obra inicial do período parisiense revela uma “admiração empenhada pela pintura acadêmica, que praticou como discípulo de Cormon”, assemelhando-se por vezes ao “simbolismo temático e pictural vindo de Ingres a Gustave Moreau”. A essa situação estilística concernem pinturas como *Ondinas*⁹ (1908) e *Caçador de águias* (1905), pertencentes à coleção do Museu do Chiado (renovou a sua pintura com uma aproximação ao impressionismo).

A participação na Grande Guerra como oficial encarregado de pintar os seus temas determinou a fase seguinte da sua vida. Sousa Lopes realizou uma série genericamente denominada *Portugal na Grande Guerra*, em que ilustrou de forma expressiva uma multiplicidade de cenas tais como: *9 de Abril ou O Capitão Beleza dos Santos atravessa uma densíssima barragem de artilharia e consegue salvar a sua bateria de 75*.

Em 1978, a Câmara Municipal de Lisboa homenageou o pintor, dando o seu nome a uma rua próxima da avenida Álvaro Pais, em Lisboa.



Figura 18 – Destruuição de um obus para não ser utilizado pelo inimigo. Museu Militar de Lisboa
Fonte: Wikipédia



Figura 19 – A Rendição, de Adriano de Sousa Lopes. Museu Militar de Lisboa
Fonte: Wikipédia



Figura 20 – As mães dos Soldados desconhecidos, de Adriano de Sousa Lopes. Museu Nacional de Arte Contemporânea
Fonte: Wikipédia



Figura 21 – Imagem das salas da Grande Guerra do Museu Militar de Lisboa
Fonte: Wikipédia

Essa imagem das salas da Grande Guerra do Museu Militar de Lisboa¹⁰ representa as monumentais pinturas de Adriano de Sousa Lopes, dedicadas à Grande Guerra e à participação portuguesa no conflito.

Carlos Scliar (21 de junho de 1920 a 28 de abril de 2001)



Figura 22 – Carlos Scliar, no seu atelier
Fonte: Wikipédia

Carlos Scliar (**figura 22**) nasceu em Santa Maria e faleceu no Rio de Janeiro. Foi um destacado desenhista, gravurista, pintor, ilustrador, cenógrafo, roteirista e designer gráfico Brasileiro. Nascido no seio de uma família judaica, desde cedo revelou vocação para a comunicação, o desenho e a pintura. Aos 11 anos, começou a publicar os seus primeiros artigos ilustrados e, aos 14 anos, recebeu as primeiras aulas de arte com o pintor austríaco Gustav Epstein.

Em 1935, em Porto Alegre, participou da Exposição do Centenário Farroupilha. Em 1938, uniu-se a João Fahrion e juntos fundaram a Associação Rio-grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, da qual foi eleito secretário. Em 1940 mudou-se para São Paulo,

onde se juntou a Rebolo e aos artistas do Grupo Santa Helena. No mesmo ano, tornou-se colaborador da *Revista Cultura* e realizou sua primeira mostra individual. Animado com o relativo sucesso obtido pela Família Artística Paulista em uma mostra realizada no Rio de Janeiro, Scliar (**figura 23**) inscreveu-se para o Salão Nacional de Belas Artes, onde conquistou medalha de prata.



Figura 23 – Carlos Scliar na sua primeira exposição antes de ir para a Guerra em 1944
Fonte: Wikipédia

Em 1943, foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira (FEB) e seguiu para o Rio de Janeiro. Nessa ocasião, conheceu a pintora Maria Helena Vieira da Silva e seu marido, o pintor Árpád Szenes, que se encontravam no Brasil como refugiados de guerra. Em 1944, seguiu para a Itália com o segundo escalão da FEB, comandado pelo General Cordeiro de Farias, voltando em julho de 1945. Ao retornar, trouxe consigo profundas recordações de sua passagem pelos campos de batalha. Observador atento, desenhou casas e imagens do norte da Itália, formando a série “*Com a FEB na Itália*”, exibida no Rio de Janeiro, em São Paulo e Porto Alegre.

Desenha-se a si mesmo e aos seus companheiros fardados; soldados mortos, dormindo ou ao telefone; cenários de combates, como o Monte Castelo, paisagens, casas e naturezas mortas (**figuras 24 a 26**). Sua visão de mundo e sua arte mudam com a brutal vivência da guerra. Anos mais tarde, Scliar escreveu:

Foi na guerra, em contato com a miséria que ela produz, vivendo aqueles instantes derradeiros, que banham de luz nova tudo que nos cerca, que se iniciou uma nova etapa em minha pintura. Eu era, senão um pessimista, quase um cético; me descobri então um lírico, um lírico visceralmente otimista, com uma tremenda confiança na humanaidade.



Figuras 24, 25 e 26 – Carlos Scliar procurava o belo, paisagens e objetos singelos nos seus desenhos durante a Segunda Guerra Mundial, para fugir aos horrores da guerra

Fonte: Wikipédia

Viajou para Paris em 1947, percorreu a Itália, a Checoslováquia, a Polônia, Portugal e outros países, com sua atenção voltada para a gravura e as artes gráficas.

Retornando ao Brasil, no ano de 1950, fixou-se em Porto Alegre em busca das suas raízes e dedicou-se à pintura e à gravura, iniciando uma nova fase na carreira, participando de atividades na imprensa. Dedicou-se, também, à execução de ilustrações para diversos livros, entre os quais alguns romances de Jorge Amado. A peça *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes, foi lançada em edição comemorativa de luxo em 1956, ilustrada por Carlos Scliar. Depois, alternou sua permanência entre Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Ouro Preto.

A partir de 1960, Scliar passou a viver exclusivamente da pintura, realizando inúmeras mostras individuais com trabalhos criados em seus ateliês de Cabo Frio, onde passou a residir, e Ouro Preto.

Na década de 1970, produziu painéis para o Museu Manchete, no Rio de Janeiro, para a prefeitura de Porto Alegre, para o Centro Administrativo de Salvador e para a Imprensa Oficial do Rio de Janeiro, em Niterói.

Em 1998, Scliar foi admitido pelo presidente Fernando Henrique Cardoso à Ordem do Mérito Militar, no grau de Cavaleiro especial.

O *Caderno de Guerra*, de Carlos Scliar, é uma coleção de desenhos produzidos pelo artista durante sua participação na Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália. Uma produção pouco conhecida e comentada pelo artista, porém extremamente significativa no conjunto de sua obra. Destacam-se, especialmente, as figurações humanas nos seus desenhos (**figuras 27 e 28**), evitando, contudo, que o olhar dessas pessoas desenhadas cruzem com o dos espectadores dos desenhos. Esse efeito deliberado de ocultar o olhar, na verdade, revela a impossibilidade de expressão do que é a experiência existencial da guerra.

O pracinha retratado por Scliar não tem nome. É cada um dos mais de 25.400 membros da FEB. Cada um deles tem que reconfigurar a sua existência e a sua capacidade de olhar nos olhos e, como Scliar, revalorizar a vida e redescobrir à sua maneira o mundo.



Figura 27 – Retrato do Soldado
Fonte: Wikipédia



Figura 28 – Autorretrato, nanquim (Porreta Terme, Itália, 23 dez 1944)

Fonte: Wikipédia

Súmula adicional

A temática da guerra vista apenas por eventos políticos e militares é apenas uma escassa e simplificadora perspectiva da história, e em muito exaurida de conteúdos emotivos e humanos. Muitas vezes, a guerra é-nos relatada em documentos oficiais, por testemunhos pessoais, por jornalistas, até por boatos ou ainda por notícias preparadas convenientemente pelos vencedores ou por quem controla a comunicação social e a história oficial.

Um artista de guerra é um artista encarregado por um governo, ou imbuído de automotivação, para documentar a sua experiência de guerra sob a forma de um arquivo ilustrativo ou de uma descrição de como os eventos no campo de batalha se desenrolam na vida de quem a crava; e/ou para fins de informação ou propaganda. Os artistas de guerra exploram com mestria as dimensões visuais e sensoriais da guerra, muitas vezes ausentes em histórias ou relatos escritos sobre a guerra.

Os artistas de guerra podem estar envolvidos como espectadores das cenas, militares que respondem a vigorosos impulsos internos para reproduzir a experiência direta da guerra ou indivíduos que são oficialmente encarregados para estar presentes e registrar a atividade militar. Um artista de guerra cria um relato visual do impacto da guerra, apresentando como os homens e as mulheres se preparam, lutam, sofrem, celebram ou são destruídos.

As suas obras ilustram, realçam e registram (as atividades militares que o visual e a escrita não obtêm) experiências da guerra, sejam elas aliadas ou inimigas, militares ou civis. A função do artista e da sua obra tem um propósito essencialmente educacional.

Os militares artistas são importantes sem dúvida, pois são testemunhas estéticas de um momento de suma importância na história militar da humanidade, uma vez que contribuem para criar uma visão da intervenção bélica onde estão inseridos.

A panorâmica desses ilustres artistas que procuramos fixar pretende ser alcançada com apenas alguns dos mais significativos trabalhos que realizaram. Pretendeu-se dar uma visão geral de tendências estéticas por meio das quais se retratam vivamente os acontecimentos de quem os viveu *in loco*, em períodos dramáticos da história da humanidade.

Deseja-se, mais que tudo, que esses nomes e essas obras não sejam esquecidos, mas, sim, recordados como pedagogia para os entes vindouros.

Referências

CATÁLOGO da exposição de Sousa Lopes. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1980.

FERNANDES, Fernando Lourenço. **A estrada para Fornovo:** a FEB – Força Expedicionária Brasileira, outros exércitos & outras guerras na Itália, 1944-1945. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2009.

FRANÇA, José Augusto. **A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961** [1974]. Lisboa: Bertrand Editora, 1991, p. 182.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Mariano Moreno e a primeira formação artística de Victor Meirelles.** In: 19&20 – A revista eletrónica de DezenoveVinte, 2011; VI (1).

FREDERICO BEUTTENMÜLLER, Alberto. **Viagem pela arte brasileira.** Editora Ground, 2002. p. 68.

FREIRE, Laudelino. **Pedro Américo.** Um Século de Pintura: 1816-1916. Arquivado do original em 9 de setembro de 2012.

MALLMANN, Regis. **Os passos do maior pintor brasileiro do século XIX entre Desterro, Paris e o Rio de Janeiro.** Museu Victor Mirelles, 2010.

OS PINTORES Viajantes. Acervo do Museu Nacional de Belas Artes. Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 1994.

RUBENS, Carlos. **Victor Meirelles.** In: Pequena História das Artes Plásticas no Brasil [1941]. Edição Brasiliiana online, p. 123-131.

SCLIAR, Carlos; BRAGA, Rubem. **Caderno de Guerra de Carlos Scliar.** São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1996.

SCLIAR, Carlos. **Scliar:** a persistência da paisagem. Col: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O Museu, 1991. p. 11.

SILVA, Raquel Henriques da. **Adriano Sousa Lopes.** In: A.A.V.V. – Museu do Chiado: Arte Portuguesa 1850-1950. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1994, p. 183.

TORRES, Francisco Tancredo. **As Origens de Pedro Américo de Figueiredo e Melo.** In: Torres, Francisco Tancredo. Pedro Américo. Parte I: Origem de Pedro Américo, seus Autógrafos a Louis Jacques Brunet e Outros. Edição Especial para o Acervo Virtual Osvaldo Lamartine de Faria. Fundação Vingt-Un Rosado, 2011, p. 70-146.

Notas

¹ O *Combate Naval do Riachuelo* ilustra um dos episódios mais marcantes e decisivos da Guerra do Paraguai, o confronto entre a coligação argentina-uruguaia-brasileira – a Tríplice Aliança – e as forças paraguaias, ocorrido na manhã do dia 11 de julho de 1865 no arroio Riachuelo, um afluente do rio Paraguai. A obra foi encomendada em 1868, junto com a *Passagem de Humaitá*, pelo ministro da Marinha Afonso Celso de Assis Figueiredo.

² A *Ordem da Rosa* foi uma ordem honorífica brasileira, criada em 17 outubro 1829 pelo Imperador Pedro I para perpetuar a memória de seu matrimônio com a Princesa Amélia de Leuchtenberg. A ordem premiava militares e civis, nacionais e estrangeiros, que se distinguissem por sua fidelidade à pessoa do imperador e por serviços prestados ao Estado.

³ A *Ordem da Coroa de Ferro* foi uma ordem de mérito que foi estabelecida em 5 de junho de 1805 por Napoleão Bonaparte sob o título de Rei Napoleão I da Itália. A ordem recebeu o nome da antiga Coroa de Ferro da Lombardia, uma joia medieval com o que se pensava ser um anel de ferro, mais tarde mostrado ser de prata, forjado do que deveria ser um prego da Verdadeira Cruz como uma banda o interior. Essa coroa também deu nome à *Ordem da Coroa da Itália*, que foi criada em 1868.

⁴ No seu apogeu, *Humaitá* era considerada intransitável para a navegação inimiga. O canal navegável tinha apenas 200 metros de largura e era facilmente acessível à artilharia. A fortaleza era protegida de ataques pelo lado terrestre por um pântano impenetrável ou por terraplenagens defensivas que compreendiam um sistema de trincheiras estendendo-se por 13km. Tinha uma guarnição de 18.000 homens e 120 canhões.

⁵ A **Guerra do Paraguai** foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América Latina. Foi travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta pelo Império do Brasil, Argentina e Uruguai. Estendeu de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança, na Argentina e no Uruguai, e de Guerra Grande, Guerra Contra a Tríplice Aliança e Guerra-Guaçu no Paraguai.

⁶ “Ao me apresentar como soldado voluntário em defesa de meu país em uma guerra nacional, também me propus a servir como historiador com o pincel” – narrou López em uma carta que enviou a Bartolomé Mitre em junho de 1887.

⁷ A **Batalha de Curupaytí** foi uma das grandes batalhas da Guerra do Paraguai, travada no dia 22 de setembro de 1866 no Forte de Curupaytí, às margens do rio Paraguai. Foi um confronto que envolveu cerca de 25 mil soldados, sendo 20 mil soldados aliados e por volta de 20 navios da Armada Imperial contra 5 mil paraguaios entrincheirados.

⁸ O **Corpo Expedicionário Português** (CEP) foi a principal força militar portuguesa que participou na frente europeia da Grande Guerra. Foi enviada para o norte da França com a finalidade de, por meio da sua participação ativa no esforço de guerra contra a Alemanha, que também ameaçava os territórios ultramarinos portugueses, conseguir apoios dos seus aliados, evitar a perda daqueles territórios e estabelecer uma reputação séria em nível europeu.

Portugal também enviou para a França uma outra força: o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI), que se destinou a responder a um pedido de ajuda francesa, ficando sob comando do Exército Francês, sendo aí conhecido por *Corps de Artillerie Lourde Portugaise* (CALP) e tendo operado artilharia superpesada de caminho de ferro, com obuses de 320mm, 240mm e 190mm.

⁹ **Ondinas** são uma categoria dos elementais religiosos, sendo associadas com a água, quase que invariavelmente descritas como femininas, e normalmente encontradas em piscinas florestais e cachoeiras. Apesar de parecerem humanas, não possuem uma alma humana, pois são espíritos da natureza. Sua forma humana é resultado da proximidade que elas mantêm com os humanos, adquirindo sua aparência.

¹⁰ O **Museu Militar de Lisboa** é uma unidade museológica do Exército Português, é o maior museu militar em Portugal e um dos mais antigos da cidade de Lisboa, sendo possuidor de um vasto e valioso patrimônio museológico (coleções apresentadas em 33 espaços expositivos de: peças de artilharia em bronze; azulejaria; quadros e esculturas). Encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1963. Em 10 de junho de 2022, foi agraciado com o grau de Membro-Honorário da Ordem Militar de Santiago da Espada, pelo Presidente da República.